

# A pedagogia da convivência

## Um diálogo do Plano para a Vida e a Missão com o texto da caminhada para Emaús (Lucas 24.13-35)

Josué Adam Lazier

### Resumo

O artigo discorre sobre a educação preconizada pelo Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista e, em diálogo com o texto bíblico *a caminhada para Emaús*, assinala alguns aspectos educacionais na perspectiva de uma pedagogia da convivência.

### Palavras-chave

Educação – educação cristã – missão – pedagogia de Jesus – evangelho de Lucas – metodismo.

**Bispo Honorário da Igreja  
Metodista no Brasil. Mestre em  
Bíblia pelo ISEDET, Argentina.  
Endereço eletrônico:  
[jalazier@uol.com.br](mailto:jalazier@uol.com.br)**

# **The Pedagogy of Living Together**

## **A dialogue of the Plan for Life and Mission with the text of the Road to Emmaus (Luke 24: 13-35)**

Josué Adam Lazier

### **Abstract**

This article discusses the concept of education in the Plan for Life and Mission of the Methodist Church and, in dialogue with the Biblical text of the Road to Emmaus, points out several educational aspects in the perspective of the pedagogy of living together.

### **Keywords**

Education – Christian education – mission – the pedagogy of Jesus – the Gospel of Luke – Methodism.

**Honorary Bishop of the Methodist Church in Brazil, Masters in Biblical Studies – ISEDET, Argentina. Electronic address: [jalazier@uol.com.br](mailto:jalazier@uol.com.br)**

# La pedagogía de la convivencia

## Un diálogo del Plan para la Vida y la Misión con el texto del camino a Emaús (Lucas 24.13-35)

Josué Adam Lazier

### Resumen

El artículo trata sobre la educación preconizada en el Plan para la Vida y la Misión de la Iglesia Metodista y, en diálogo con el texto bíblico *el camino a Emaús*, señala algunos aspectos educacionales en la perspectiva de una pedagogía de la convivencia.

### Palabras clave

Educación – educación cristiana – misión – pedagogía de Jesús – evangelio de Lucas – metodismo.

Obispo Honorario de la Iglesia  
Metodista del Brasil. Master en  
Biblia por el ISEDET,  
Argentina.  
Correo electrónico:  
jalazier@uol.com.br

## Introdução

O *Plano para a Vida e a Missão* e o *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* estão comemorando o jubileu de prata. Eles percorreram caminhos diferentes, mas foram aprovados pelo mesmo Concílio Geral da Igreja Metodista, o XII realizado em 1982. Em que pese os 25 anos de existência eles continuam a desafiar e balizar as ações, em especial as educativas da Igreja e de suas Instituições. Neste artigo vamos procurar resgatar alguns aspectos da pedagogia preconizada no *Plano para a Vida e a Missão da Igreja* (doravante PVM) — e que chamaremos de *a pedagogia da convivência*. Faremos esta reflexão dialogando com o texto de Lucas 24.13-35, por encontrarmos nele a descrição da convivência e do acompanhamento que acontece entre Jesus e os dois caminheiros que exemplificam as ações educativas empreendidas por Cristo.

## O texto de Lucas

Lucas, o evangelista historiador do primeiro século da era cristã, utiliza fontes para narrar o seu evangelho, a história de Jesus e seus discípulos, a partir da compreensão que possuía como pessoa que vivenciou os primeiros momentos da Igreja Cristã e na condição de médico que tinha a sensibilidade de ver a vida de forma diferenciada dos demais historiadores e evangelistas. O Evangelho de Lucas foi escrito por volta do ano 90 da era cristã e é dirigido a um certo Teófilo.

Ele inicia o seu relato dizendo que muitos fizeram uma narração coordenada dos fatos ocorridos e que ele, depois de realizar uma apurada investigação, registra por escrito o resultado da sua pesquisa para que o seu destinatário tivesse certeza das verdades ocorridas (Lc 1.1-4). Segundo Paiva o “historiador, ao narrar, explicita o seu ponto de vista, em todos os campos de percepção...” e ao fazer isto tece os dados conforme o seu entendimento (PAIVA 2006: p. 9). Por outro lado, Carr acredita que o historiador deve focalizar as pessoas e as diversas relações que compreendem a vida das mesmas e alerta que, ao fazer isto, o historiador estará criando outros fatos (CARR, 1982). Desta forma, a história vai recriando-se na vida das pessoas. Lucas antecipa esta perspectiva de relato histórico e enfoca em seu evangelho o relacionamento de Jesus com os discípulos e com outras pessoas, bem como o relacionamento entre os discípulos e deles com outras pessoas. Isto fica muito evidente no relato bíblico “*A caminhada para Emaús*” (Lc 24.13-35). Este texto apresenta um episódio envolvendo Jesus em sua ação pedagógica junto a seus discípulos. Há vários outros episódios que demonstram a ação educativa de Jesus.

Tendo o PVM em mãos, podemos extrair dele, em especial da área de educação, orientações que indicam uma prática pedagógica desenvolvida em vivência, interação, transformação e diálogo na caminhada de fé e missão. Um dos objetivos da educação preconizada pela Igreja é “ajudar a comunidade a saber o que é, e o que significa sua situação humana, a partir do indivíduo que integra o processo social” (PVM, 1996: p. 29). Em outras palavras, contribuir para a compreensão das situações que circundam a vida humana e estabelecer, a partir daí,

levando-se em conta a experiência de vida, convivências saudáveis, integradoras e de tolerância entre as pessoas que educam e que são educadas e o povo em geral.

## A pedagogia de Jesus

Jesus foi um educador por excelência. De homens rudes e despreparados, formou evangelistas, apóstolos, pregadores, mestres, escritores, mártires e servos do Reino de Deus. Jesus distinguiu-se como educador por dar atenção às pessoas, aos seus anseios, suas necessidades e suas expectativas, e por não seguir os princípios dos professores da época, no caso os rabinos, que faziam uma interpretação legalista da lei. Várias vezes o povo chamou Jesus de mestre, reconhecido pelos seus ensinamentos que indicavam um caminho libertador. Cury comenta a ação educativa de Jesus ao analisar o seu relacionamento com os diferentes discípulos (CURY, 2003: p. 83):

Ele queria libertar os cativos e os oprimidos. Também queria libertar os cegos, não apenas os cegos cujos olhos não vêem, mas cujos corações não enxergam. Os cegos que têm medo de confrontar-se com suas limitações, que não conseguem questionar qual é o seu real sentido de vida. Os cegos que são especialistas em julgar e condenar os outros, mas que são incapazes de olhar para as suas próprias fragilidades.

Para transmitir seus ensinamentos Jesus contou muitas histórias, chamadas pelos escritores bíblicos de parábolas. Elas não são alegorias, são sim experiências do dia-a-dia que Jesus

observou e usou para ilustrar seus ensinamentos e pregações. Ele utilizou este método de contar histórias para facilitar sua comunicação com as pessoas, especialmente com os discípulos. É importante ressaltar que parábola "é uma comparação que faz pensar. É uma história de fácil compreensão com base fundamental numa comparação" (ANDERSON & GORGULHO, 1989: p. 13).

A pedagogia de Jesus é centrada na pessoa humana; a dignidade e o respeito ficam destacados nas diversas ações que realiza. Essas ações apontam para uma metodologia participativa e de interação entre educandos e educadores (CELADEC, 1996: p. 5). O texto bíblico "*A caminhada para Emaús*" ressalta este método pedagógico de Jesus que serve de modelo para a educação a ser desenvolvida pela Igreja. Segundo Schipani:

A prática de Jesus modela o espírito e o estilo que há de ter tal ministério. Ademais nos confirma que Jesus Cristo mesmo é a chave hermenêutica por excelência quando se trata de discernir a vontade divina à luz de nossa realidade humana concreta, a situação do contexto sócio-cultural, e a mensagem da Escritura (SCHIPANI, 2007: p. 43).

## O caminho para Emaús

Após a morte de Jesus os discípulos se espalharam. Alguns voltaram para seus afazeres, outros tomaram o caminho de casa. Dois deles estavam no caminho para uma aldeia chamada Emaús. Estavam desanimados e entristecidos, pois suas expectativas quanto ao Messias não se cumpriram. Jesus foi crucificado e morto e agora retornavam para casa, desolados e sem entenderem os acontecimentos. Eles seguiram a Cristo porque acreditavam no projeto de

libertação numa perspectiva política. Com a morte de Jesus este plano estava frustrado.

Enquanto discorriam sobre os acontecimentos, eis que surge um *paroikos* (v. 18), ou seja, um estrangeiro, um peregrino ou viajante. Mesmo com todos os riscos que naquela época representava a chegada de um estranho, pois poderia ser um assaltante disposto a roubá-los, com este peregrino estabelecem um diálogo sobre os acontecimentos. O peregrino parece estar desinformado e um dos discípulos passa a narrar os fatos. Os fatos são conhecidos pelos discípulos, mas não compreendidos. Embora houvesse a promessa, que era lembrada pelos discípulos, da ressurreição ao terceiro dia — e já soubessem que o túmulo fora encontrado vazio! —, permanecia a dúvida sobre o que ocorreria com o corpo, pois “*não o viram*” (v. 24).

É importante ressaltar que os discípulos não estavam entendendo os acontecimentos. Jesus, que havia ressuscitado, entra na história deles e está ao lado, mas eles não conseguem ver e entender esta realidade. Aqui se encaixa o processo educativo. A Igreja educa para a compreensão da vida, da revelação de Deus, do Reino de Deus, do Evangelho de Jesus Cristo, do compromisso e comprometimento com a vida criada por Deus. Esta é a tarefa da educação segundo o que preceitua o PVM (1996: p. 29)

A educação como parte da Missão é o processo que visa oferecer à pessoa e comunidade, uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática liberta-

dora, recriando a vida e a sociedade, segundo o modelo de Jesus Cristo, e questionando os sistemas de dominação e morte, à luz do Reino de Deus.

O “peregrino desconhecido” passa a mostrar aos discípulos tudo o que as escrituras dizem a respeito do messias, ou seja, passa a descrever os acontecimentos numa nova perspectiva. “O próprio Jesus mostra que o caminho para entender a sua pessoa e atividade é a leitura da Bíblia. Nela está anunciado tudo o que o Messias enviado por Deus deveria realizar” (STORNILO, 1982: p. 213). Neste sentido, podemos apreender que Deus entra na história humana por meio das ações pedagógicas que devem ser desenvolvidas para “a transformação, libertação e capacitação da pessoa e da comunidade”, como afirma o PVM (1996: p. 29).

## Transformação para a vida

Tendo adquirido esta compreensão inicia-se a transformação na vida, nas ações, nas atitudes, no comportamento, na vivência do discipulado e da cidadania, nos relacionamentos, no cumprimento da missão da igreja e na sinalização do Reino de Deus. Zélia Constantino, comentando os conceitos de educação preconizados no PVM, nos diz o seguinte (CONSTANTINO, 1987: p. 9):

A educação só será autêntica quando estiver vinculada com a vida. Deverá ser instrumento que ajude as pessoas a refletir suas vidas e seja balizador para as tomadas de decisões. Deverá dar continuidade ao processo de amadurecimento até o encontro da plena humanidade aspirada pelo ser humano. Deverá, ainda, dar instrumental de análise e crítica para, na medida do possível, as pessoas serem agentes de transformação com voz e vez, libertadas, capacitadas e seguras neste mundo.

## Conhecer é viver

A leitura da Bíblia sem uma vivência concreta de pouco valerá. Groome afirma:

Conhecer a Deus é uma atitude relacional, dinâmica e experimental, que envolve a pessoa toda e encontra expressão numa resposta vivida e amorosa obediência à vontade de Deus. Sem a ação amorosa não se conhece a Deus. Sem tal ação, qualquer outra espécie de conhecimento é, na visão bíblica, não mais que tolice (GROOME, 1985: p. 218).

É necessário que haja vida como fruto deste conhecimento e desta transformação. Este fruto é a libertação para a vida plena e abundante, é a liberdade para a vivência de relacionamentos pautados na solidariedade e na fraternidade, é a liberdade para a prática da justiça e a vivência da vida plena e abundante e para a convivência com o outro.

O peregrino, ainda não reconhecido pelos caminhanes, faz menção de continuar a sua caminhada, mas os discípulos o convidaram a permanecer com eles. Trata-se de um convite para a partilha, para a comunhão, para a vivência comum ao redor da mesa de refeição, ou seja, um convite para compromisso e comprometimento. Mesmo estando desanimados, os discípulos são solidários com o outro que os alcançou no caminho. Jesus aceitou o convite e entrou para compartilhar com os companheiros de caminhada. Na hora de partilhar o pão os discípulos finalmente reconheceram que o peregrino era Jesus ressuscitado. O texto bíblico diz que os olhos dos discí-

pulos foram abertos (v.31) por um simples gesto de partir o pão. Este gesto foi simbólico e cheio de significado para os caminhanes de Emaús e para todos que seguem o Reino de Deus. O reconhecimento da presença de Jesus deu aos caminhanes forças para voltarem a Jerusalém e se juntarem aos demais, pois Cristo havia ressuscitado.

## Frutos da pedagogia da convivência

A educação, nesta perspectiva da caminhada e da convivência, é de extrema importância para as pessoas que buscam cumprir com a sua existência de forma a contribuir para o bem da sua própria vida e para a vida dos outros. Esta educação expressa no PVM tem como eixo central o Reino de Deus e, a partir deste eixo, desenvolve um modelo educacional que vai na direção da justiça e da solidariedade. Para Constantino, o principal objetivo é:

Implantar um novo mundo bem definido sob a égide do Reino de Deus. Sua proposta é a busca de modelos que superem o modelo educacional vigente; ter maior identificação com a cultura brasileira; motivar educadores e educandos a se tornarem agentes de libertação, através de uma prática educativa de acordo com o Evangelho; criar uma consciência e buscar a prática da justiça e da solidariedade" (CONSTANTINO, 1987: p. 9).

Alcançados pelo conhecimento e pela força da convivência, os discípulos fazem o caminho de volta e retornam para Jerusalém, onde encontram os demais reunidos, pois o "*Senhor ressuscitou e apareceu a Simão*" (v.34). A Igreja se reúne e promove o ensino sistemático das palavras de Jesus e a educação dos discípulos, a fim de "capacitar a comunidade para cooperar no processo

de transformação da sociedade, na perspectiva do Reino de Deus” (PVM, 1996: p. 33).

Ressaltamos a afirmação de Paulo Freire (FREIRE, 1974) de que a Igreja não é neutra na história e de que a missão que ela preconiza e desenvolve também não é, pois a Igreja está inserida na realidade concreta onde se encontra e não há como estabelecer neutralidade na sua vida e missão com este contexto histórico. Freire afirma que “as Igrejas de fato não são entes abstratos, sim instituições inseridas na história, onde também se dá a educação” (FREIRE, 1974: p. 05). Desta forma, a educação concebida e desenvolvida pela Igreja e suas Instituições também não é neutra e deve produzir os frutos preconizados pelo PVM, ou seja, frutos libertários, de conscientização e de transformação. Esta educação promove a convivência dos diferentes, dos contraditórios, dos opressores e oprimidos, dos poderosos e pequenos e dos que estão em situação de antagonismo. O próprio Cristo, conforme registro no sermão da montanha redigido por Mateus, ensina seus discípulos a amar os inimigos, a orar pelos perseguidores e a oferecer a outra face (Mt 5.38-44). São ditos de Jesus que confrontavam as teses farisaicas que faziam discriminação e criavam preconceitos. Com estes ditos Jesus está criando uma cultura de paz e de tolerância, em oposição ao “olho por olho, dente por dente”.

Para que se cumpra a justiça na perspectiva do Reino de Deus não é suficiente amar o próximo; amar o inimigo e o perseguidor também é

necessário, pois, como afirmam Anderson e Gorgulho, “o amor ao inimigo é o que melhor exprime e realiza a gratuidade do ato do amor, à semelhança do amor do Pai. É o amor que toma a iniciativa, sabe perdoar e transforma o ódio em atos concretos de amor que promove o bem dos outros” (ANDERSON & GORGULHO, 1981: p. 97). Portanto, nossa obrigação com o próximo, seja ele amigo ou inimigo, de acordo com as orientações de Cristo, é amá-lo sempre, e que este sentimento e afetividade se transformem em atos concretos de fraternidade, tolerância e solidariedade. A pedagogia da convivência vai nesta direção, pois promove estas atitudes entre as pessoas.

## Conclusão

A pedagogia da convivência acontece na caminhada, na vida, na vivência, na comunidade, na fraternidade, no companheirismo e no trato das questões que envolvem a pessoalidade humana. Ela se desenvolve com empatia, solidariedade, fraternidade, atenção, compreensão, percepção e apoio mútuo. O PVM (1996: p. 29) define educação cristã como um processo dinâmico que “se dá na caminhada da fé, e se desenvolve no confronto da realidade histórica com o Reino de Deus”.

O PVM, após 25 anos de existência, continua a indicar, de forma relevante e desafiadora, os caminhos para a educação em seus três ambientes, ou seja, educação cristã, teológica e secular, indicando que a vida e missão da Igreja passam por eles e promove em seus caminhantes a transformação, a libertação, a conscientização e a capacitação. Para isso, o dialogicidade e a valorização das pessoas e suas vivências devem ser como imperativos a nortear o desenvolvimento



pedagógico exercido pela Igreja e suas Instituições.

Da mesma forma que no relato de Lucas — em que dois discípulos precisavam de compreensão, transformação, libertação e capacitação —, há pessoas em nosso meio que disso também precisam. Schipani afirma que o “texto da caminhada para Emaús abre uma janela para a prática do ministério cristão como uma forma de acompanhamento no caminho da vida” (SCHIPANI, 2007: p. 42). Aos que se encontram na condição de educadores cristãos indagamos: que janela é esta? Qual é a nossa tarefa docente? Que importância e valor a pedagogia tem para a nossa ação educativa? Que ação educativa pode ser desenvolvida à luz do texto bíblico? Onde se encontra o “outro” em nossa caminhada? Onde nos encontramos na caminhada do “outro”? Onde Cristo se encontra em nossa jornada de vida e de fé?

## Referências bibliográficas

- ANDERSON, A.F. & GORGULHO, G. *Parábolas: A Palavra que Liberta*. São Paulo, SP, 1989.
- CARR, Edward H, *O que é história?* Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1982.
- CELADEC. *A Dinâmica da Educação Cristã*. São Leopoldo, RS: CELADEC, 1996.
- CONSTANTINO, ZÉLIA S. *A Educação Cristã na Igreja Metodista: Como dinamizá-la*. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Bennet, 1987.
- CURY, AUGUSTO. *O Mestre Inesquecível*. São Paulo, SP: Editora Academia de Inteligência, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Las iglesias, la educación y el proceso de liberación humana en la historia*. Buenos Aires. Editorial La Aurora, 1974.
- GORGULHO, G.S & ANDERSON, A. F. *O Caminho da Paz – Lucas*. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1981.
- GROOME, THOMAS. *Educação religiosa cristã: compartilhando nosso caso e visão*. São Paulo, SP: Paulinas, 1985.
- IGREJA METODISTA. *Plano para a Vida e a Missão*. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1996.
- PAIVA, JOSÉ MARIA. *Apointamentos de aula*. Piracicaba, SP: UNIMEP, em 03 de fevereiro de 2006.
- SCHIPANI, DANIEL S. *Fundamentos para la educación desde la fé cristiana*. In: *Visiones Y Herramientas – itinerário por la teologia practica*. Vol. V. Buenos Aires. ISEDET, 2007.
- STORNILO, IVO. *Como ler o Evangelho de Lucas*. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1982.